

---

# **Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XXVII)**

**Ulrich Huar**

## **Capítulo III**

### **1943 – O Ano da Viragem**

#### **A Batalha de Kursk**

(5 de Julho a 23 de Agosto de 1943)

Existe uma vasta literatura histórico-militar sobre a batalha de Kursk.<sup>1</sup> De seguida, trataremos da elaboração do plano estratégico das tropas soviéticas e da contribuição de Stáline. Sublinhe-se mais uma vez que falamos de contribuição, já que o plano para uma operação militar com a dimensão da batalha de Kursk não podia ser pensado e concretizado por uma só pessoa. Como na batalha de Stalingrado, o planeamento e execução foram o resultado de um colectivo de generais, comandantes de exércitos e de frentes, economistas e construtores, oficiais administrativos e, *last but not least*, de membros do *Politburo* do PCUS.

Quer na história militar soviética, quer na burguesa, a batalha de Kursk é considerada unanimemente como uma das maiores e mais importantes batalhas da II Guerra Mundial. Em alguns trabalhos é considerada «*a maior*» batalha da II Guerra Mundial, ocasionalmente até da «*história mundial*». Se deixarmos de lado os superlativos, que devem ser usados com cuidado nos trabalhos científicos, a batalha de Kursk foi, sem dúvida, uma das maiores da II Guerra Mundial e também uma das mais decisivas. Nela participaram, de ambos os lados, mais de quatro milhões de homens, 69 mil peças de artilharia e lança-granadas, mais de 13 mil tanques e canhões autopropulsados, cerca de 12 mil aviões de combate.<sup>2</sup>

Depois da batalha de Stalingrado, o comando fascista sabia definitivamente que já não existia «*a possibilidade de um final ofensivo da guerra a Leste*».<sup>3</sup> Como consequência deste reconhecimento, começou a esboçar novos planos de guerra, que previam uma defesa estratégica para consolidar o espaço conquistado na Europa. Utilizando as linhas de comunicação mais curtas no interior da «*Fortaleza Europa*», planeavam lançar as forças principais nos cenários de guerra mais ameaçados.

---

<sup>1</sup> Cf. Hist. da II GM, vol. 7, p.162-222.

<sup>2</sup> Idem, ibidem, p. 213.

<sup>3</sup> Walter Warlimont, *No QG da Wehrmacht 1939-45*, Frankfurt/Main, 1962, p. 318.

Como a União Soviética continuava a ser o adversário principal e a demora da constituição da segunda frente pelos governos dos EUA e Grã-Bretanha era tida nos seus planos como um factor seguro, o comando fascista chegou à conclusão, no Verão de 1943, que podia enfraquecer decisivamente ou pelo menos paralisar por longo tempo o Exército Vermelho, através de um poderoso ataque numa estreita secção da Frente Leste. A estabilização da frente germano-soviética devia então permitir, com forças superiores, fazer frente ao movimento de guerrilha e aos exércitos aliados a Oeste.<sup>4</sup>

Na sua «*Ordem Operativa n.º 5*», de 5 de Março de 1943, o Alto Comando da *Wehrmacht* deu as primeiras ordens ao Grupo de Exércitos Sul e Centro para a preparação de uma concentração ofensiva contra a frente soviética na região de Kursk. Tratava-se, segundo o pensamento estratégico de base, de ditar as regras ao inimigo pelo menos numa secção da frente, e nas outras frentes deixá-lo correr e esvair-se em sangue.

A 15 de Abril de 1943, na «*Ordem Operativa n.º 6*» assinada por Hitler, afirmava-se: «*Decidi, assim que o tempo o permita, executar este ano, em primeiro lugar, os golpes de ataque da ofensiva “Cidadela”. Esta ofensiva é de suma importância. Ele tem de ser rápida e contundente. Tem de nos permitir assumir a iniciativa nesta Primavera e Verão. Por isso todos os trabalhos preparatórios devem ser executados com grande prudência e dinamismo. Devem ser utilizados as melhores unidades, as melhores armas, os melhores comandantes, grandes quantidades de munições nos pontos principais. Cada comandante, cada homem tem de estar imbuído da importância decisiva desta ofensiva. A vitória em Kursk tem de surtir o efeito de um farol no mundo.*»<sup>5</sup>

O comando fascista concentrou, assim, mais uma vez, na primeira metade do ano, todas as forças disponíveis para uma batalha decisiva contra o Exército Vermelho. A indústria do armamento, que atingiu em Maio de 1943 a sua maior produção de armas e veículos, proporcionou um equipamento completamente novo para o ataque e para a renovação das 42 divisões de elite retiradas da frente. As 19 divisões blindadas foram fornecidas parcialmente com tanques pesados «*Panther*» e «*Tiger*» e com canhões autopropulsados «*Ferdinand*». Desguarnecendo todas as restantes secções da frente, foram disponibilizados três mil tanques e 1800 aviões das 4ª e 6ª frotas aéreas que combatiam na frente germano-soviética. Uma tal concentração de forças de ataque num espaço tão pequeno nunca existira antes. O comando fascista parecia convicto no êxito da operação «*Cidadela*».

Júkov chamou o general Vassiliévski e o general de brigada Antónov, representante do Chefe do Estado-Maior, para, em conjunto com ele próprio, elaborarem o plano das forças armadas soviéticas. «*Antónov era considerado, com razão, um excelente mestre da cultura do Estado-Maior, e enquanto nós redigíamos a síntese do relatório para Stáline, ele delineava rapidamente o mapa e o plano de combate da frente na região de Kursk.*»<sup>6</sup>

Na noite de 12 de Abril, no QG, Júkov, Vassiliévski e Antónov apresentaram a proposta a Stáline. Stáline concordou que Kursk seria o alvo da ofensiva fascista, por conseguinte, o esforço principal das forças armadas soviéticas tinha de estar dirigido para Kursk. Contudo, Stáline continuava a estar preocupado com Moscovo enquanto direcção estratégica de uma ofensiva alemã.

---

<sup>4</sup> Cf. Gerhard Förster, *Sobre o fracasso da concepção estratégica do comando fascista na II GM*, in: *Zeitschrift für Militärgeschichte*, Heft 1/1965, p. 17-29.

<sup>5</sup> *Diário de Guerra do ACW*, Vol III, 1.01 a 31.12.1943. Compilado e anotado por Walther Hubatsch, Frankfurt/Main, 1963, Vol. III/p. 1425. De seguida ACW-KTB.

<sup>6</sup> G. K. Júkov, *Memórias e Reflexões*, parte II, Moscovo, 1969/Berlim, 1973, 4ª ed., p. 97.

Em meados de Abril, o QG tomou uma decisão provisória sobre a preparação da defesa de Kursk. A decisão definitiva sobre a «defesa de acordo com o plano» foi tomada pelo QG no final de Maio, início de Julho. O plano previa defrontar a esperada ofensiva com uma «poderosa frente de defesa», deixar o adversário exangue e derrotá-lo definitivamente com um contra-ataque. Decidiu-se iniciar a elaboração do plano ofensivo juntamente com a elaboração do plano de defesa. Porém, se a ofensiva alemã se atrasasse, a ofensiva soviética não deveria esperar.<sup>7</sup>

De acordo com o relatório, Stáline ainda duvidava «se as nossas tropas deviam defrontar o adversário na defesa ou realizar um ataque preventivo. O Comandante Supremo receava que a nossa defesa não conseguisse resistir ao ataque das tropas fascistas, como aconteceu várias vezes em 1941 e 1942. Porém, por outro lado, também não era certo que as nossas tropas estivessem em condições de vencer o adversário num ataque.

«Em meados de Maio de 1943, após várias consultas, Stáline decidiu definitivamente opor ao ataque fascista todo o fogo da defesa escalonada em profundidade, com poderosos golpes das forças da aviação e contragolpes das reservas estratégicas operativas, enfraquecer e exaurir o adversário e depois derrotá-lo numa poderosa contra-ofensiva na direcção de Belgorod-Kharvov e Oriol. Finalmente previa-se executar ataques em profundidade nas direcções principais.

Depois da derrota do adversário em Kursk, o QG queria libertar Donets e toda a Ucrânia a Leste do Dniepre, liquidar a cabeça-de-ponte alemã na península de Taman, libertar as regiões orientais da Bielorrússia e criar as condições para conseguir a expulsão total do adversário do nosso território.»<sup>8</sup>

Inevitavelmente houve também avaliações erradas a respeito das forças do adversário em algumas frentes. Júkov referiu que os serviços de inteligência desempenharam um papel importante na preparação da defesa e do ataque. Mas na recolha de informações participaram milhares de pessoas e os métodos variavam de caso para caso. Houve acções de reconhecimento efectuadas por guerrilheiros e informações fornecidas por simpatizantes. Nessas informações também havia erros. Para além disso, o adversário desenvolvia manobras de diversão, camuflagem, que nem sempre puderam ser identificadas com tal. Houve igualmente erros que «não puderam ser evitados através do trabalho sistemático».<sup>9</sup>

Não é possível determinar se o QG conhecia as ordens operativas n.ºs 5 e 6 da *Wehrmacht* tão bem como nós **hoje**.

Um dos erros do QG consistiu na suposição de que o grupo mais poderoso do adversário se tinha formado na região de Oriol, contra a Frente Central (comandante Rokossóvski). Na realidade, as unidades mais fortes encontravam-se na região de Belgorod, perante a Frente de Voronej (comandante Vatúnine).

Em resultado desta avaliação errada a Frente Central pôde repelir mais facilmente o ataque do adversário do que a Frente de Voronej. Esta defrontou-se contra 1500 tanques alemães, a Frente Central, contra 1200.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 98.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p. 106.

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 112. Cf. também *II GM*, vol. 7, p. 139 e seg.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

Rokossóvski também estava convencido de que as forças alemãs principais se encontravam concentradas na região de Oriol, perante a Frente Central.<sup>11</sup>

Contudo, Rokossóvski contesta a avaliação de Júkov, segundo a qual houve mais facilidades na Frente Central do que na Frente de Voronej, sob o comando de Vatúnine. É verdade que os alemães tinham mais blindados em Voronej – ele refere duas divisões blindadas – do que na Frente Central, mas teriam tido menos três divisões de infantaria. Na Frente Central, o adversário, depois de um ataque incessante durante seis dias com pesadas baixas, conseguiu avançar entre seis a 12 quilómetros nas linhas de defesa, enquanto na Frente Voronej puderam penetrar numa distância de cerca de 35 quilómetros, até serem obrigados a parar. Rokossóvski explicou que isto se deveu ao facto de ter concentrado as suas forças nas secções mais ameaçadas, enquanto Vatúnine dispôs as suas forças ao longo de toda a secção de defesa.<sup>12</sup>

De acordo com as informações de Júkov, Rokossóvski esperava defrontar-se com as forças principais do exército alemão na sua frente, enquanto Vatúnine contava com uma concentração menos poderosa das forças adversárias. Na realidade aconteceu ao contrário, como sabemos **hoje**.

Rokossóvski contava com o ataque das tropas alemãs de **uma só** direcção, o que se revelou correcto. Teve a possibilidade de assegurar, nos 95 quilómetros de largura da frente, uma alta densidade operativa e táctica das suas forças e manter, em profundidade, poderosas reservas. Vatúnine partiu do princípio de que o adversário podia atacar de duas direcções numa frente de 167 km. Também isto se revelou correcto. Por isso optou por uma organização operativa em profundidade das suas tropas. Isto foi feito, naturalmente, à custa da redução da densidade nas zonas tácticas de defesa.

Como, já foi referido, o QG supunha que o ataque principal do adversário estava dirigido contra a Frente Central. Na repartição das forças disponíveis, Rokossóvski obteve um corpo de artilharia que constituía um escudo de fogo difícil de ultrapassar. Vatúnine não possuía um corpo de artilharia, ou seja, tinha menos 2700 canhões e lança-granadas do que Rokossóvski.<sup>13</sup>

Só se trata aqui de mostrar que as avaliações dos generais soviéticos, muitos anos passados sobre a batalha de Kursk, são divergentes em vários casos isolados.

No final de Abril, teve lugar uma reunião com Stáline, no QG, sobre o plano da operação na região de Oriol, segundo é relatado pelo general Bagramian, comandante do 11.º Exército (inicialmente 16.º Exército – a alteração do nome, por ordem de Stáline como recompensa pelos seus serviços, foi uma alta condecoração. UH),

O plano foi apresentado por Antónov e confirmado pelos comandantes das frentes presentes, Sokolóvski e Reiter. Stáline perguntou se todos estavam de acordo ou alguém tinha opiniões diferentes. Bagramian pediu a palavra. Ele era da opinião de que o 11.º Exército tinha de ser mais bem apetrechado para poder cercar o adversário, através de golpes poderosos e concêntricos na região de Bolkhov, e depois destruí-lo. Para isso, o 11.º Exército tinha de receber 12 divisões, três das quais do vizinho. Além disso, o 61.º Exército tinha de ser reforçado com várias divisões e um corpo de blindados da reserva do QG. Assim seria

---

<sup>11</sup> Idem, Rokossóvski, p. 247. Segundo Tippelskirch encontravam-se em Oriol cinco divisões blindadas e oito divisões de infantaria; em ambos os lados de Belgorod, oito divisões blindadas e três divisões de infantaria. Tippelskirch, p. 327. Cf. também II GM, vol. 7, p. 162 e segs.

<sup>12</sup> Idem, ibidem.

<sup>13</sup> IIª GM, vol. 7, p. 186. Ver doc. 1.

possível romper a defesa do adversário e alcançar boas condições para um avanço das tropas soviéticas.<sup>14</sup>

Esta opinião já tinha sido rejeitada por Sokolovski e Reiter, que viam nela apenas o desejo de Bagramian de reforçar o seu exército à custa de outros. A maioria dos generais fazia este tipo de tentativas para conseguir do QG o máximo de forças possível. Antónov tinha declarado que não se podia alterar mais o plano. Stáline ouviu atentamente Bagramian e disse: «*Bagramian não está assim tão enganado. Devíamos concordar com a sua proposta. A preocupação de um comandante em alcançar condições mais favoráveis é louvável. Afinal assume a responsabilidade total em caso de fracasso.*»<sup>15</sup>

A proposta de Bagramian foi aceite sem alterações significativas. Este episódio demonstra que houve divergências de opinião e discussões nas reuniões do QG. Cada um dos presentes podia apresentar o seu ponto de vista. No final, enquanto comandante supremo, Stáline tinha de decidir e assim assumir a responsabilidade última. Naturalmente, os críticos de Stáline podem acusá-lo de não ter respeitado a opinião da «*maioria*», constituída por generais experientes, entre eles Antónov e dois comandantes de frente, e de ter apoiado a opinião de uma única pessoa – também um general experiente! – ou seja, de ter tomado uma decisão «*subjectivamente*». Mas isto, porém, não demonstra que a decisão de Stáline tenha sido errada. As decisões da maioria nem sempre estão correctas. A análise das reuniões no QG mostra que as questões estratégicas e tácticas geraram frequentemente controvérsia, sendo decididas de acordo com a situação e não de acordo com «*maiorias*» e «*minorias*». O QG e o Estado-Maior não eram, afinal, parlamentos burgueses.

Segundo Júkov, foram disponibilizados para a operação de defesa e para a ofensiva subsequente um milhão e 330 mil homens, mais de 3600 tanques e canhões autopropulsados, 20 mil peças de artilharia e 3130 aviões, incluindo aviões de combate de longo curso.<sup>16</sup>

O tenente general Antipenko revela-nos as exigências colocadas aos serviços da retaguarda na disponibilização e transporte de combustível, munições, abastecimento, hospitais de campanha e outros equipamentos.<sup>17</sup> Aqui chame-se a atenção para um só aspecto: o consumo de munições de artilharia de duas frentes: a Frente Central (Rokossovski) e a Frente de Varonej (Vatúnine). No período entre 5 e 12 de Julho de 1943, na primeira fase da batalha de Kursk, ou seja, na fase de defesa, portanto apenas durante sete dias (!), a artilharia da Frente Central disparou 1079 vagões de munições, a Frente de Varonej «*só*» 417.<sup>18</sup> Um único exército da Frente Central, o 13.º Exército, disparou, neste espaço de tempo, quatro *capacidades de fogo* em munições de artilharia (uma *capacidade de fogo* corresponde a cerca de 20 mil toneladas. UH) «*Uma tão grande capacidade de utilização de munições num tão curto espaço de tempo nunca tinha existido em nenhuma operação de defesa, nem na Grande Guerra Pátria, nem em toda a história da guerra.*»<sup>19</sup>

Antipenko refere problemas de abastecimento de carne às tropas da frente. Tinham sido disponibilizados animais para abate num total de dez mil toneladas, mas faltavam meios de transporte. Não havia vagões disponíveis em número suficiente. Os animais tiveram de ser deslocados «*com as próprias forças*». Dez mil toneladas de carne correspondiam a 75

---

<sup>14</sup> I. K. Bagramian, *Assim Avançámos para a Vitória*, Voienizdat, Moscovo, 1977/Berlim, 1984, p. 158 e segs.

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 160.

<sup>16</sup> Júkov, ibidem, p. 116.

<sup>17</sup> N. A. Antipenko, *Na Direcção Principal*, Moscovo, 1971/Berlim, 1973, pp. 1110-155.

<sup>18</sup> Idem, ibidem, p. 132 e seg.

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 133.

mil cabeças de gado, incluindo animais jovens, cerca de 500 manadas que tiveram de percorrer mais de mil quilómetros. Durante a deslocação era preciso garantir assistência veterinária, forragens para alimentação e a ordenha das manadas. Como comparação, Antipenko refere a deslocação de grandes manadas na Austrália e na Sibéria da Rússia czarista, descritos na literatura da época. Mas se nesses casos se tratava de manadas com cinco a seis mil cabeças de gado, eles, porém, tiveram de deslocar mais de 70 mil animais.<sup>20</sup>

Pode questionar-se se o QG e o Comandante Supremo tinham alguma coisa a ver com isto. Naturalmente que os responsáveis por esta operação eram os serviços de retaguarda. Todavia, era obrigação do QG assegurar o fornecimento de víveres à frente, o que inclui a produção, transporte e distribuição dos alimentos, neste caso de carne, e em muitas situações foi chamado a intervir.

O major general Krainiukov refere um destes casos. No final de 1943, o 18.º Exército da 1ª Frente Ucraniana tinha de executar um ataque, que fazia parte da ofensiva de Inverno de 1943/44. Como em Dezembro normalmente há gelo e neve, os soldados estavam equipados com botas de feltro. Mas veio chuva e começou o degelo, a neve derreteu e a terra tornou-se um lodaçal. Antes do ataque, os soldados precisavam de trocar as botas de feltro por botas de couro que não existiam em número suficiente. Disto dependia o êxito da ofensiva nesta secção da frente. O chefe da administração de Saúde alertou que as gripes podiam aumentar e tornarem-se epidémicas. No entanto, só foram fornecidas 30 por cento das botas necessárias. Como os serviços da retaguarda se mostravam incapazes de satisfazer os pedidos, Krainiukov (chefe do serviço da retaguarda da 1ª Frente Ucraniana) dirigiu-se directamente ao Chefe dos Serviços da Retaguarda (de todas as frentes), o general do Exército Khruliov, em Moscovo, ou seja, ao QG, que enviou as botas necessárias da sua reserva.<sup>21</sup> Nada podia sair da reserva do QG sem o consentimento de Stáline.

A formação e educação político-ideológica dos soldados também estavam incluídas na preparação das grandes operações. Os jornais das frentes desempenhavam aí um importante papel. Contudo, nem todos os soldados do Exército Vermelho eram russos, nem todos compreendiam russo ou só muito deficientemente. Assim, os jornais da 1ª Frente Ucraniana tinham de ser publicados em russo, ucraniano, usbeque, cazaque e tártaro.<sup>22</sup> A distribuição correcta e a tempo dos jornais era uma das tarefas indispensáveis para a preparação das operações em Kursk do Serviço de Retaguarda.

Segundo a declaração de um prisioneiro, prestada a 5 de Julho, pelas 2 horas, o ataque alemão iria iniciar-se uma hora depois, pelas 3 horas. Júkov e Rokossóvski ordenaram a preparação da defesa e informaram imediatamente Stáline por telefone, que autorizou a ordem. Stáline ordenou «*que o informassem permanentemente*». Júkov crê que, na conversa, sentiu «*a tensão nervosa*» de Stáline. «*Todos nós estávamos muito excitados, apesar de termos organizado uma defesa em profundidade e possuímos, agora, meios poderosos*».<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, p. 140.

<sup>21</sup> K. V. Krainiukov, *Do Dniepre ao Vístula*, Voienizdat, Moscovo, 1971/Berlim, 1977, p. 95 e seg.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 98. Sobre o problema das línguas ver U. Huar, *Stáline enquanto teórico do Marxismo-Leninismo. Contribuições para a questão nacional. Para o 50.º aniversário da morte de Stáline, a 5 de Março de 1953*, 1ª parte, 3.º capítulo, in *Cadernos para a Educação Marxista-Leninista do Partido Comunista da Alemanha*, Caderno n.º 86/1, Berlim, Junho de 2002, p. 39-50. (de seguida chamado *Cadernos*) ou *Ofensiv*, caderno 5/2002, p. 35-44.

<sup>23</sup> Júkov, *ibidem*, p. 118.

A 5 de Julho, pelas 02.20 horas a Frente Central iniciou «o ataque de artilharia» contra as posições das tropas alemãs. Iniciou-se assim a batalha de Kursk.

Desde o início ao fim da batalha de Kursk, Stáline esteve em contacto permanente com os comandantes das frentes, como estes atestam nas suas memórias através de relatos coincidentes.<sup>24</sup> Stáline também tinha de manter sob observação as outras secções da longa linha de frente, desde a Carélia do Norte até ao Mar de Azov; o mesmo para as actividades dos japoneses no Extremo Oriente. Até mesmo o tráfego de embarcações no Volga, que aparentemente nada tinha que ver com a batalha de Kursk, era alvo da atenção do Comandante Supremo.

Como relata o almirante Kuznetsov, a aviação alemã tinha lançado centenas de minas no Volga para paralisar o tráfego nesta importante artéria fluvial. Após a batalha de Stalingrado, a desactivação das minas ainda não estava terminada. Em 1943, a frota do Volga desmantelou pelo menos 600 minas. Stáline informava-se amiúde junto de Kuznetsov sobre a segurança do tráfego no Volga. Até Junho de 1943, o plano de transporte para os navios no Volga foi cumprido a 70 por cento. No Verão de 1943, oito mil navios passaram no Volga transportando sete milhões de toneladas de petróleo. Stáline declarou a Kuznetsov : «O senhor também contribuiu para a vitória em Kursk. Transmita isso aos seus camaradas.»<sup>25</sup>

Enquanto Comandante Supremo, sempre que necessário, Stáline participou activamente nas frentes com ordens e disponibilização de reservas do QG.

A direcção soviética desenvolveu novos métodos de combate na batalha de Kursk. Esperando o ataque alemão, disponibilizou poderosas forças de defesa e aplicou, pela primeira vez, uma nova táctica de defesa. Até aí, os tanques inimigos avançavam em profundidade e só depois eram interceptados por contra-ataques dos tanques soviéticos.

Na Frente de Kursk as divisões inimigas não tiveram espaço para manobras. Pelo contrário, passados poucos quilómetros já se encontravam envolvidas num sistema de posições bem organizado e em profundidade, cuja espinha dorsal era constituída por uma poderosa artilharia de todos os calibres.

Logo no segundo dia da ofensiva, os tanques alemães foram confrontados com poderosos contra-ataques dos tanques soviéticos e, depois de uma semana com pesadas baixas, só lograram avançar em alguns locais, entre nove quilómetros (na região de Oriol) e 35 quilómetros (na região Belgorod). As suas baixas em homens e material foram muito elevadas. Em Julho, na retaguarda das unidades alemãs, os guerrilheiros provocaram 1114 explosões nas linhas de abastecimento, aliviando significativamente a defesa soviética. Às poderosas unidades aéreas alemãs opunham-se as igualmente poderosas unidades soviéticas apetrechadas com modernas máquinas. Realizaram-se ferozes combates aéreos, nos quais a aviação soviética foi ganhando supremacia.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Cf. pp. 122 - 130 Bagramian; p. 186. Moskalenko; p.60/77 I. S. Kóniev, *Notas de um Comandante de Frente 1943/44*, Nauka, Moscovo, 1972/Berlim, 1978. pp. 17, 23, 28 - 30, 41 e seg.

<sup>25</sup> N. G. Kuznetsov, *A Caminho da Vitória*, Voienizdat, Moscovo, 1975/Berlim, 1979. p. 36.

<sup>26</sup> Ulrich Huar, *Sobre conteúdo e método da manipulação de opinião no sistema monopolista de Estado do sistema fascista de Hitler no período da mudança decisiva na Segunda Guerra Mundial*, Dissertação, Janeiro de 1968, p. 150 e seg.

Novos métodos no ataque foram aplicados pela direcção soviética. Até aí o ataque da infantaria realizava-se depois da preparação pela artilharia, agora as tropas acompanhavam o fogo da artilharia. A infantaria avançava imediatamente depois do bombardeamento da artilharia e esta seguia a velocidade do ataque.<sup>27</sup>

Sobre ideias, planos e direcção da batalha, Bagramian refere: «A batalha de Kursk reforçou a nossa opinião de que, na elaboração das ideias e do plano desta batalha, foram os órgãos estratégicos de direcção, e não as instâncias das frentes que lhes estavam subordinadas, que desempenharam o papel decisivo.

«A fixação exacta da ideia geral, o planeamento rigoroso e a preparação minuciosa das operações, assim como a direcção brilhante das forças armadas baseavam-se principalmente no enorme trabalho organizativo do Comité Central do Partido, do governo soviético e do nosso alto comando militar. O êxito da batalha foi um verdadeiro triunfo da arte da guerra soviética. Admirável foi a decisão sábia e oportuna de passar à defesa na primeira etapa da campanha Verão-Outono de 1943 em Kursk. Isto permitiu que a Frente Central e a Frente de Voronej cansassem e fizessem sangrar em combates de defesa as tropas de ataque adversárias, equipadas abundantemente com tanques, aviões e munições, e ajudou as seis frentes soviéticas (Oeste, Briansk, Central, Voronej, Estepes e Sudoeste) a derrotar completamente, na segunda etapa, no contexto da ofensiva, as unidades envolvidas na operação “Cidadela”.

«Concordo absolutamente com os historiadores que consideram as prioridades definidas pelo QG do Comandante Supremo como as mais importantes na preparação da campanha Verão-Outono de 1943. Em primeiro lugar, a formação de uma frente de ataque bastante mais larga do que aquela que a Wehrmacht fascista preparava para o seu ataque. Excepcionalmente importante foi a disponibilização atempada de poderosas reservas, incluindo a Frente das Estepes, o que permitiu, até ao início do Verão de 1943, alcançar uma superioridade de forças em toda a frente soviético-germânica. Além disso, assegurou-se o êxito porque o Alto Comando do Exército Vermelho optou por um método de condução da guerra que correspondia à situação concreta! E, por fim, o excepcional trabalho da inteligência que revelou as intenções do adversário e conseguiu informações sobre os grupos de divisões, a sua disposição, assim como o plano da operação “Cidadela”».<sup>28</sup>

O general Kóniev confirmou as observações de Bagramian. O QG «previu correctamente» que não só os esforços da frente e a formação das tropas são decisivos, mas também «que eram necessárias reservas estratégicas». Kóniev também assinala criticamente que era importante «concentrar as reservas estratégicas e [colocá-las no teatro de guerra] na direcção decisiva». Isto não aconteceu na fase da defesa da batalha de Kursk (ou seja, entre 5 e 12/13 de Julho, UH). Assim, as reservas foram utilizadas principalmente na Frente de Voronej (Vatútine), o que provocou o enfraquecimento da Frente das Estepes (comandante Kóniev). O Alto Comando da Frente das Estepes (ou seja, Kóniev) manifestou «energicamente» o seu protesto no QG, mas o QG «infelizmente» não o aceitou.<sup>29</sup>

Pelos vistos, também se podia protestar «energicamente» contra as decisões de Stáline. O facto de Stáline não ter aceitado os protestos não é forçosamente negativo. Nem sempre os protestos são fundamentados. Como já se referiu, o reforço urgente da Frente de Voronej era necessário. Enquanto comandante da Frente das Estepes, Kóniev

---

<sup>27</sup> Júkov, *ibidem*, p. 125.

<sup>28</sup> Bagramian, *ibidem*, p. 214 e seg.

<sup>29</sup> Kóniev, *ibidem*, p. 24.

não podia compreender a situação geral nas frentes em toda a sua complexidade. O QG conhecia a situação geral e decidia em função dela. Assim, objecções de um comandante de uma frente **podem parecer** justas, mas na altura não eram as mais correctas tendo em conta a situação geral.

Apesar das suas «*objecções*», Kóniev considerou a batalha de Kursk um êxito extraordinário da ciência militar soviética.

*«O rompimento é uma arte e não simplesmente o resultado aritmético de cálculos. Sabemos como é difícil. A tarefa principal do rompimento operativo consistia, normalmente, em derrotar as forças principais do adversário na zona táctica e preparar tudo para a utilização da unidade blindada ou da segunda unidade para aprofundar o rompimento.*

*«Na batalha de Kursk foram introduzidas, pela primeira vez, unidades blindadas no rompimento para aumentar o êxito na profundidade operativa. Particularmente interessante é a acção das unidades blindadas (1ª e 5ª) na operação Belgorod-Kharkov. Depois de terem rompido a zona de defesa táctica, passaram rapidamente ao ataque e avançaram entre 120 a 150 quilómetros. A 1ª unidade blindada atacou na direcção de Bogodukhov. Independente do exército, avançou 20 a 30 quilómetros em 24 horas, deslocou as reservas operativas, golpeou os flancos e os serviços de retaguarda do adversário e obrigou-o a desistir das suas posições e a recuar.*

*«A Frente das Estepes tinha 1380 tanques. No seu conjunto, as três frentes na batalha de Kursk possuíam 4980 tanques e canhões autopropulsados; aproximadamente 50 por cento dos tanques de todo o exército. Com isto se prova que o QG planeou a concentração da utilização de tanques e das tropas mecanizadas na direcção principal. Em Kursk assistiu-se ao maior combate de tanques na história da II Guerra Mundial. A região de Prokhorovka e pouco depois as regiões de Akhtirka e Bogodukhov tornaram-se num único campo de batalha. A experiência demonstrou que o êxito dependia da actuação conjunta das unidades blindadas com as unidades gerais, da correcta organização do apoio da artilharia e da aviação, da concentração rápida das forças na direcção principal, do ataque rápido e do comando contínuo.*

*«A experiência da força aérea nesta batalha também enriqueceu a arte da guerra. A nossa força aérea alcançou o domínio dos ares. Durante a contra-ofensiva concentraram-se ataques aéreos em grande profundidade contra as reservas do adversário. Algumas unidades aéreas cooperaram estreitamente com aviadores da defesa aérea.*

*«Os serviços da retaguarda trabalharam incansavelmente para fornecer tudo o que era necessário às tropas. Os nossos experimentados médicos fizeram tudo para trazer soldados e oficiais para a retaguarda e recuperá-los.» Mais à frente, Kóniev escreve: «A batalha de Kursk representa uma etapa importante na evolução da arte da guerra soviética. Ela representa para todo o sempre o símbolo do poder invencível do Estado Socialista, nascido na grande Revolução de Outubro, e das suas Forças Armadas. Foi um êxito extraordinário da ciência militar soviética.»<sup>30</sup>*

Para concluir, cite-se Júkov sobre o papel de Stáline na batalha de Kursk, com quem esteve em contacto permanente:

*«Depois da morte de Stáline defendeu-se a opinião de que ele teria tomado decisões político-militares por iniciativa própria. Isto não corresponde à verdade. Ele ouvia sempre opiniões versadas sobre qualquer questão. Não raramente alterava o seu ponto de vista e decisões anteriores. Agiu assim sobretudo a respeito das datas do ataque em muitas das acções de combate.*

---

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 46 e 48.

*«A batalha na região de Kursk-Oriol-Belgorod foi uma das mais importantes da Grande Guerra Pátria e da II Guerra Mundial. Aqui foram derrotadas não só as tropas de elite e os grupos mais poderosos do adversário; aqui destruíram-se também definitivamente todos os esforços do comando fascista em mudar o curso da guerra. Isto teve consequências no comportamento do povo alemão, mas também nos estados satélite da Alemanha.*

*«Com a derrota do adversário em Kursk, criámos as condições para as operações de ataque das tropas soviéticas, para a expulsão definitiva dos ocupantes do nosso território e também para a libertação da Polónia, da Checoslováquia, da Hungria, da Jugoslávia, da Roménia e da Bulgária, assim como para a derrota final do fascismo alemão. (...)*

*«Uma condição para a nossa vitória foi a superioridade numérica e, sobretudo, a superioridade qualitativa das tropas soviéticas no momento da batalha de defesa. Além disso, a enorme capacidade de ataque da força aérea, da artilharia e das tropas blindadas soviéticas possibilitou, em pouco tempo, a formação de grupos de ataque, que romperam rapidamente qualquer resistência. Isto permitiu ao comando soviético preparar e concretizar a derrota do adversário na região de Kursk, assim como anular os grandes planos de ataque fascista para 1943.»<sup>31</sup>*

---

<sup>31</sup> Júkov, *ibidem*, p. 131. Ver documento 2.